vinetur

Exportações de vinho da UE renderam menos 6,8% nos mercados extracomunitários no último ano

Os volumes caíram 3,3%, para 27,5 milhões de hectolitros, refletindo receitas mais baixas com vinhos engarrafados e espumantes

segunda-feira, 16 de novembro de 2026



As exportações europeias de vinho para mercados fora da União Europeia geraram menos receitas, apesar de a quebra dos volumes vendidos ter sido menor, segundo dados apresentados numa reunião do setor vitivinícola da Copa-Cogeca, em Bruxelas, a 13 de novembro. Os números evidenciam a diminuição das receitas do setor ao longo do último ano.

Entre setembro de 2025 e agosto de 2026, as exportações de vinho da UE para países terceiros atingiram 15,4 mil milhões de euros, menos 6,8% do que no período anterior de 12 meses, enquanto os volumes exportados diminuíram 3,3%, para 27,5 milhões de hectolitros. Os dados excluem o comércio entre Estados-Membros da UE e abrangem as exportações de vinho em valor, volume e valor médio de exportação.

A diferença mais acentuada entre a queda das receitas de exportação e a dos volumes físicos sugere que o setor obteve menos por unidade vendida. Com base nos totais publicados, o valor médio de exportação foi de cerca de 5,60 euros por litro, o que implica uma descida de aproximadamente 3,62% face ao período anterior. Este valor médio, por si só, não prova que tenha havido uma redução direta dos preços em todo o mercado, uma vez que também reflete alterações na composição dos produtos, nas embalagens e nos mercados de destino.

Os dados foram analisados num contexto de pressão sobre os produtores europeus de vinho, tanto do lado da oferta como da procura. A Copa-Cogeca e a Legacoop Agroalimentare afirmaram que a vindima de 2026 aponta para mais um ano difícil, com fenómenos meteorológicos extremos a afetarem vinhas em vários países e o consumo de vinho a continuar a enfraquecer em muitos mercados tradicionais.

O abrandamento das exportações foi particularmente evidente em alguns dos principais destinos da UE. As vendas para os Estados Unidos recuaram 15,3% em valor nos 12 meses até agosto de 2026. As exportações também diminuíram para o Canadá, 11%, para a Suíça, 9,2%, e para o Reino Unido, 3,9%. Dois mercados evoluíram em sentido contrário: as exportações para a Rússia aumentaram 17,5% e os envios para Hong Kong subiram 10,9%.

Por formato de produto, apenas o vinho a granel e o vinho em bag-in-box registaram crescimento. As exportações de vinho a granel aumentaram 5%, enquanto as de vinho em bag-in-box subiram 3,4%. As exportações de vinho engarrafado caíram 7,5% e as de espumante diminuíram 6,2%, sinal de fragilidade nos segmentos de maior valor, que habitualmente sustentam as receitas de exportação.

Os dados de exportação foram apresentados em conjunto com as primeiras estimativas para a campanha vitivinícola de 2026/27 da UE. Prevê-se que a produção na União Europeia diminua 4% face à vindima anterior e fique cerca de 8% abaixo da média dos últimos cinco anos. Itália, Espanha e França continuam a ser os principais produtores do bloco e, em conjunto, representam cerca de 82% da produção total da UE, mas os três países continuam a enfrentar perturbações relacionadas com as condições meteorológicas e uma procura mais fraca.

A seca, as ondas de calor, as geadas primaveris e o granizo reduziram os rendimentos em muitas regiões vitícolas, segundo as organizações. Esta pressão sobre a produção surgiu ao mesmo tempo que o consumo diminuía, os preços enfraqueciam e os stocks permaneciam elevados, dificultando a recuperação das margens dos produtores através do comércio.

O consumo mundial de vinho é estimado em 221 milhões de hectolitros, o nível mais baixo em mais de 30 anos, de acordo com os dados citados na reunião. A quota da UE no consumo mundial de vinho também diminuiu, passando de quase 60% em 2000 para 48% atualmente. Os vinhos tintos e rosés, bem como os vinhos de mesa básicos, foram apontados como as categorias sob maior pressão.

Prevê-se que Itália continue a ser o maior produtor mundial, com uma produção estimada em 41,1 milhões de hectolitros em 2026. Ainda assim, este valor representaria uma quebra de 7,6% face a 2025 e ficaria cerca de 10% abaixo da média dos últimos cinco anos. As regiões do sul foram as mais afetadas pela seca e pelo calor, tendo a Sicília e Abruzzo sido algumas das zonas a registar as descidas mais acentuadas.

A produção de Espanha deverá atingir 34,5 milhões de hectolitros, mais 3%, embora a rentabilidade das vinhas continue sob pressão devido aos preços baixos. França deverá produzir 33,8 milhões de hectolitros, menos 2% e cerca de 15% abaixo da média dos últimos cinco anos. O país está também a avançar com um amplo programa de arranque de vinhas, à medida que os produtores se adaptam às mudanças nas condições do mercado.

A Legacoop Agroalimentare afirmou que os seus representantes, incluindo o presidente Cristian Maretti e a responsável pelo setor do vinho, Valentina Sourin, participaram na reunião de Bruxelas. As conversações com as instituições europeias abordaram também o futuro da Política Agrícola Comum, os orçamentos do setor, as regras de cofinanciamento, os beneficiários elegíveis e o desenvolvimento de vinhos naturalmente com baixo teor alcoólico.

Os grupos afirmaram que as estimativas de produção ainda poderão ser alteradas à medida que as autoridades estatísticas nacionais publiquem dados oficiais. Ainda assim, o cenário atual aponta para um setor vitivinícola que produz menos, enfrenta vindimas mais voláteis e obtém menos receitas em mercados de exportação importantes. Os destinos tradicionais estão a enfraquecer, enquanto os ganhos em mercados mais recentes ainda não foram suficientes para compensar as perdas noutros mercados.

Na reunião de Bruxelas, Luca Rigotti, presidente do grupo de trabalho sobre o vinho da Copa-Cogeca, afirmou que o setor precisa de mais investimento em inovação, sustentabilidade e qualidade, bem como de uma oferta de produtos mais diversificada, novos mercados de exportação e esforços reforçados para reaproximar os consumidores mais jovens do vinho. Segundo as organizações, o debate político em Bruxelas centrar-se-á, em parte, na questão de saber se os produtores dispõem de instrumentos de gestão do mercado e de apoio adequados para se adaptarem às mudanças nas condições climáticas e comerciais.